

Estados e Formas da Cultura na Modernidade

Professor Martin Grossmann

Eduardo Rodrigues

Nº USP 6804074

A USP QUE DESEJAMOS DAQUI VINTE ANOS

A Universidade de São Paulo responde por cerca de trinta por cento da produção acadêmica no Brasil. Entretanto, a despeito do magnitude numérica, grandes desafios são apresentados cotidianamente à instituição. Alinhar discurso e prática é algo complexo, pois mudanças estruturais, ou seja, as que resultam em maiores impactos, nem sempre dependem apenas - embora em parte dependam de fato – da vontade de mudar.

A realidade de hoje é muito diferente da vivenciada quando da criação da instituição, bem como já distanciada do período pós-ditadura, no qual questionamentos a respeito dos rumos da instituição passaram a ser considerados com maior recorrência. Novos paradigmas desafiam a universidade vivenciar uma realidade inter e transdisciplinar, conectada em rede e que nos apresenta novas demandas às quais a instituição deverá responder, a fim de que permaneça sendo a mais renomada instituição de ensino do Brasil pelas próximas décadas.

Na modernidade, as universidades se destacaram como o centro (e talvez único) no qual o conhecimento científico fosse passível de ser produzido. Nela preparavam-se as pessoas que se apropriariam da natureza por intermédio da técnica. No atual contexto, a universidade já não é única e exclusiva detentora da capacidade de ser agente de construção do conhecimento. Nesse sentido, sua hegemonia é posta em cheque sua hegemonia. Como, portanto, a universidade irá responder às novas condições mundiais de produção material e, por extensão, do conhecimento?

Mas como responder à altura a uma missão como esta se a Universidade de São Paulo ainda se apresenta de maneira verticalizada e, sob muitos aspectos, fragmentada por questões “territoriais” e de organização departamentizada? Como inserir a instituição no contexto internacional e, antes de tudo, inserir a comunidade acadêmica nas experiências cotidianas da universidade com um ambiente muitas vezes tão adverso?

Acredito que duas questões estejam diretamente relacionadas a estes aspectos acima destacados. Duas principais questões aqui abordadas, pois existem outras tantas. No entanto, todas as demais, direta ou indiretamente, são delas decorrentes. Por intermédio delas, a instituição responderá em síntese aos desafios que lhe são propostos, a saber: a relevância

do papel da arquitetura (neste aspecto incluídas as questões de mobilidade e a acessibilidade) e a virtualidade.

Por intermédio da arquitetura, ou seja, da concepção espacial das áreas na instituição, poderá haver a possibilidade de maior interação entre as pessoas e, conseqüentemente, entre diferentes saberes, nos quais experiências serão discutidas e informações permutadas. A existência de espaços comuns de interação entre as diferentes áreas do conhecimento na comunidade acadêmica é de grande relevância para a criação de um ambiente propício para a construção do conhecimento.

Aprendemos em discussões na sala de aula o impacto decorrente de tais concepções arquitetônicas ao discutirmos a importância nas cidades de locais que convidam as pessoas a participarem do meio, de locais que as convidam a vivenciar experiências, a exemplo do MoMA, do Palácio Capanema ou do Centro Cultural São Paulo.

Embora não existam catracas na Universidade de São Paulo, a distância física entre as áreas e mesmo a inexistente (ou precária) sinalização dos locais são sintomas de uma mentalidade departamentizada que se reflete também na concepção pouco convidativa dos espaços na instituição. Se tais barreiras constituem um entrave muitas vezes para a comunidade acadêmica, o que dizer de pessoas que visitam a universidade que, embora no discurso, esteja disposta a se internacionalizar abrir às portas à comunidade não-acadêmica, mas na qual não há (ou pouco existem) informações disponibilizadas em outros idiomas, por exemplo?

Resulta deste fato algo como uma “catraca” informacional, que segrega ou limita a vivência dos indivíduos na instituição. Se é verdade que espaços excludentes são sintomas de uma mentalidade que segrega, também é fato que ao modificá-los, a mentalidade que fraciona e segrega também se modificará, por intermédio da maior integração entre as pessoas, a livre circulação de ideias e a integração universidade / comunidade.

A internet 2.0 será de fundamental importância para a concepção da universidade como um não-lugar no qual em rede, alunos, professores e convidados estarão imersos em experiência universitária. Neste contexto, o papel da universidade não mais será o unilateral papel de produção e disseminação do saber; antes de tudo, será um local de via de mão dupla, no qual a Universidade de São Paulo será concomitantemente produtora e receptora de informação. A recepção, por sua vez, se dará de forma crítica, de modo a reelaborar o a procuração acadêmica para outros patamares.

A importância da internet consiste, entre outras coisas, em dois aspectos que considero de maior relevância: o primeiro deles, será o encurtamento ou a inexistência do espaço, uma vez que tecnologias como videoconferências ou representações em tempo real por holograma ou recursos similares possibilitarão interações que transcenderão os limites dos muros das universidades. Neste caso, a universidade poderá de fato se democratizar, sendo a experiência na imersão virtual semelhante à presencial, o que significa que de fato a universidade estará ao alcance de todos a todo tempo.

O segundo aspecto decorre da desmaterialização dos serviços oferecidos pela instituição. Obviamente, tais serviços não deixarão de existir fisicamente: museus sempre existirão, bem como as bibliotecas, no entanto, as visitas virtuais, os empréstimos de obras digitais e as consultas a bases de dados e publicações exclusivas, que hoje apenas se dão na Universidade de São Paulo poderão ser efetuados remotamente.

E qual será o sentido dos museus, bibliotecas e outros serviços quanto isso ocorrer de forma disseminada? O questionamento sobre seu papel, assim como no caso da instituição universidade propriamente dita, que resultará na diversificação de seus serviços informacionais, bem em que se evidencie seu papel como um espaço de convívio e de permuta de experiências e de saberes. Tal papel contrasta com a instituição que tem como escopo a formação de mão de obra visando o pragmatismo mercadológico ou a construção do saber conforme cânones tradicionais e / ou cientificistas.

Repensar a universidade sob a perspectiva da livre circulação de pessoas e informações pode ser algo recorrente, quase tido como um clichê, mas é de fundamental relevância para repensar a Universidade a médio e longo prazo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Novos desafios se apresentam ao IEA da USP. <<http://www.iea.usp.br/iea/sala-verde/textos-1/projeto-de-gestao-do-iea-2012-2017>>. Acesso em 25 de Junho de 2013

O que é?. <<http://www.iea.usp.br/iea/sala-verde>>. Acesso em 25 de Junho de 2013